

ANTONIO MOREIRA/AT



A DONA DE CASA
Maria do Socorro Sangi, voluntária na pastoral, mostra medicamentos fitoterápicos e industrializados que são disponibilizados para ajudar moradores a tratar problemas de saúde

A TRIBUNA COM VOCÊ EM MARUÍPE

Remédios naturais, consultas e massagem

Pastoral da Saúde no bairro distribui a preço de custo medicamentos fitoterápicos para tratar problemas como dores e hipertensão

Tayla Oliveira

Remédios naturais, consultas médicas e massagens são alguns dos serviços oferecidos pela Pastoral da Saúde da Paróquia São José, em Maruípe, Vitória.

Segundo a dona de casa e voluntária há sete anos da pastoral Maria do Socorro Sangi, 57, em 30 anos de atividades, os serviços já beneficiaram três mil pessoas, moradoras de toda a Grande Maruípe.

“São mais de 30 tipos de medicamentos naturais destinados a di-

versas enfermidades e que são disponibilizados a preços de custo”, destacou.

Entre eles, medicamentos fitoterápicos à base de alecrim, indicado como calmante, antidepressivo e regulador da pressão arterial; arnica, para tratar dores no corpo e hematomas; e romã, que tem ação anti-inflamatória.

Para orientar sobre qual medicamento fitoterápico é indicado para a enfermidade, a pastoral funciona às terças e quintas-feiras, das 8h às 11h e das 14h às 17h, e às quartas-feiras, das 8h às 11h.

De acordo com o aposentado Wilson Cassoli, 63, que há 10 anos atua como voluntário no local, além dos remédios naturais, há medicamentos industrializados que são recebidos como doação e disponibilizados para quem tem receita médica.

A pastoral também oferece consultas com um médico voluntário

às terças e quintas-feiras, das 8h às 11h e das 14h às 18h.

“Chamamos essa consulta de atendimento social, que é aquela que assiste e acompanha o paciente para situações como limpeza de ouvido e prescrição de remédios para queixas comuns”, explicou Cassoli.

Ainda às quartas-feiras pela manhã, das 8h às 11h, os moradores contam com serviço de massoterapia, prestado por uma profissional voluntária, com massagens relaxantes e tratamentos que combatem dores.

Aos que estão precisando de equipamentos ortopédicos, cadeira de roda, de banho, camas hospitalares e muletas, mas não têm condições financeiras para comprar, a pastoral faz empréstimo.

“Sempre que os moradores precisam, eles fazem o cadastro e utilizam no período que precisam”, destacou Cassoli.

HISTÓRIA DO BAIRRO

Caminho de mosquitos

> **MARUÍPE** recebeu esse nome devido ao mosquito de picada forte maruim. Maruí vem de maruim, sendo Maruípe “caminho de mosquitos”. Para os moradores, era constrangedor morar em área cheia dos insetos.

> **A HISTÓRIA** da ocupação da região está relacionada ao loteamento “Vila Maria”, aos parcelamentos da Fazenda Maruípe e das terras pertencentes aos herdeiros do Barão de Monjardim, e também a um loteamento em Gurigica e às invasões nos morros e mangues.

> **A ÁREA** de Maruípe deu origem aos bairros Santa Cecília, da Penha, Itararé, São Cristóvão e Tabuazeiro.

Fonte: Moradores de Maruípe.

COMO FAZER CONTATO

Sugira uma reportagem

Os moradores de Maruípe, em Vitória, podem sugerir reportagens e fazer reivindicações sobre o bairro pelo e-mail atcomvoce@redetribuna.com.br.

Quem mora em outro bairro pode usar o mesmo endereço para sugerir uma visita do projeto ao local.

AS RECORDAÇÕES



Amor pelo bairro

A pensionista Lúcia Navarro, 84, mora em Maruípe há 40 anos. Ela morava em Cariacica e se mudou após se apaixonar pela região.

“O bairro não tinha asfalto, mas sempre teve tudo que precisávamos. Apesar de estar próximo de tudo, tem clima de interior. Eu amo morar em Maruípe”, disse.

Segundo Lúcia, a região tem estrutura para os moradores. “A localização do bairro é ótima e tem tudo perto, como posto policial, salão de beleza e igreja”, contou.

LÚCIA diz que a região tem tudo



MARCUS viu a evolução do bairro

Ruas não tinham asfalto

Morador de Maruípe desde que nasceu, o aposentado Marcus Rogério Thevenard Moraes, 63, orgulha-se de ver a evolução do bairro. Segundo ele, as ruas eram de terra batida.

“O bairro mudou muito. As ruas eram de terra batida, passaram a ser de paralelepípedo e temos depois receberam asfalto”, contou.

A Praça São José Operário também não existia. “Hoje, tem academia para idosos, parquinhos para crianças e palco para atividades de dança.”

Mas ele lembrou que a região tinha mais comércio. “Hoje, o bairro é residencial e tem poucas lojas.”